

LINGUAGEM, TECNOLOGIA E DANÇA: O CORPOMÍDIA EM CENA*

Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz - UFMG

RESUMO: O corpo humano é o primeiro e o mais natural instrumento do homem em que as técnicas são construídas culturalmente em um processo histórico dinâmico no qual os diversos fenômenos culturais são passados de geração a geração, revestindo de signos e sentidos específicos dada sociedade. Diante da complexidade com relação ao uso que se faz do corpo em uma sociedade contemporânea amplamente tecnologizada e digitalizada, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) entraram em cena e passaram a exercer um papel de grande relevância nas mais diversas esferas do cotidiano humano onde a mediação digital vem modificando, inclusive, aspectos de meios de vida, de comunicação, de entretenimento, de arte etc. No âmbito do espetáculo de dança exposto no ciberespaço, o argumento da linguagem e da tecnologia aponta para possibilidades de uma correlação por meio de interfaces, *softwares* e equipamentos de filmagem e vídeo que possibilitam a percepção de distintas espacialidades e temporalidades imagéticas. Diante disso, objetivo desse artigo é abordar a presença da dança na cultura livre como uma dramaturgia que traz consigo um percurso de transformação do conhecimento marcado pelas influências das “novas tecnologias”, da colaboratividade e das linguagens ali inseridas. Para esse fim o caminho escolhido foi trabalhar a conexão entre os termos linguagem, tecnologia e dança tendo como ponto articulador o conceito de corpomídia.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Tecnologia. Dança. Corpomídia. Cultura Livre.

Primeiras palavras

Ao tratarmos a dança como linguagem, consideramos que a dança é uma das expressões com as quais o corpo se manifesta e se comunica. Por outro lado o corpo não é um mero “meio” em que a informação simplesmente passa ou um “lugar” onde as informações são apenas abrigadas. Trata-se do processo e do resultado de cruzamentos das inúmeras informações que chegam através dos vários mecanismos sensoriais todo o tempo durante toda a vida do ser. Por essa perspectiva, para Katz,

ao comunicar algo, há sempre deslocamentos: de dentro para fora, de fora para dentro, entre diferentes contextos, de um para o outro, da ação para a palavra, da palavra para a ação e assim por diante. A sistematicidade que nos permite entender um aspecto de um conceito em termos de outro (a chave da metáfora) vai necessariamente esconder outros aspectos do conceito e da experiência. Idéias (sic) e expressões linguísticas são objetos e a comunicação identifica-se com a ação do envio das informações (KATZ, 2005, p.8).

Nesse processo, para a manifestação do corpo expresso em movimentos e em dança é necessária a utilização de técnicas corporais. De maneira resumida, o termo “técnica” origina-se do latim *ars* e do grego *techné*, que designam todas as ações provenientes de uma aptidão adquirida tendo em vista a satisfação das necessidades mais básicas até os sentidos estéticos

*XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

ou artísticos.

Ao pensar o conceito de técnica, o antropólogo Marcel Mauss (1974, p. 211) elucida que técnicas são “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. Nessa perspectiva, o autor propõe que os comportamentos e os movimentos corporais sejam compreendidos como parte da tradição sociocultural, da mesma forma que os rituais religiosos e as obras de arte. Para esse autor, as técnicas são construídas culturalmente em um processo histórico dinâmico em que os diversos fenômenos culturais são passados de geração a geração, revestindo-se de signos específicos na sociedade.

Mauss (1974, p. 217) enfatiza que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar em instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo”. Há, ainda para o autor, princípios de classificação das técnicas corporais, que se dividem e variam por sexo e idade, e que podem ser numeradas de acordo com a relação que estabelecem com a educação e com o aprendizado: são técnicas do nascimento e da obstetrícia, técnicas da infância, técnicas da adolescência e as da idade adulta e tantos outros exemplos.

Toda “técnica” consiste numa adaptação do corpo, pela educação e pelo inculcar cultural, dia a dia na vida em sociedade. São técnicas corporais cotidianas, meios ou modos de produzir algo a partir do uso do corpo. *Grosso modo*, há uma “certa” complexidade com relação ao uso que se faz do corpo em uma sociedade contemporânea amplamente tecnologizada e digitalizada (DINIZ, 2014).

Nessa perspectiva, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) entraram em cena e passaram a exercer um papel de grande relevância nas mais diversas esferas do cotidiano humano. Historicamente, a mediação digital¹ vem modificando, inclusive, aspectos da comunicação, do entretenimento e da arte. As TICs estão desenvolvendo-se e revolucionando as comunicações em ritmo acelerado e cada vez mais passam a fazer parte da vida das pessoas incrementando novos hábitos e novas técnicas corporais.

As TICs criaram novos dispositivos de interface e interação na comunicação entre as pessoas, mudando, entre outras coisas, a maneira de consumir produtos culturais na televisão e na internet. As TICs também transformaram a noção de distância e tempo na comunicação entre as pessoas através de ferramentas de troca de mensagens como E-mails, MSN, Gtalk, WhatsApp; das redes sociais como o Facebook e o Twitter que permitem a comunicação por meio de textos, fotos, vídeo e som de forma síncrona e assíncrona por computadores inclusive por determinados telefones celulares. Segundo Belmiro (2006):

A interatividade computacional vem transformando as relações de tempo e espaço, tornando irrelevantes a distância e tempo de comunicação. O tempo digital, que muda as relações entre o próximo e o distante, passa a coexistir com o tempo real em um novo ritmo, diferente dos tempos locais, históricos, que constituíam as sociedades de outras épocas (BELMIRO, 2006, p. 19).

¹ O termo digital designa, por oposição a analógico, a representação de dados ou de magnitudes físicas por meio de caracteres, assim como de sistemas, dispositivos ou procedimentos, que empregam esse modo de apresentação discreta. Os dados representados em forma digital podem ser manipulados para produzir um cálculo ou outra operação. Nos computadores eletrônicos digitais, dois estados elétricos correspondem ao 1 e ao 0 dos números binários. Emprega-se também o termo numérico (GIANNETTI, 2006, p. 205).

A autora acrescenta que para alguns estudiosos as mesmas TICs que propiciam o acesso à cibercultura podem da mesma maneira impor e manipular para o consumo e hábitos diferenciados inclusive técnico-corporais.

Resumidamente, no processo evolutivo do homem o termo técnica deu origem ao termo tecnologia que historicamente está associado à Revolução Industrial no fim do século XVIII, bem como a pontos de vistas específicos das ciências exatas e das ciências humanas. Pelo ponto de vista da engenharia a tecnologia é aplicada, por exemplo, a produtos, processos e sistemas, mas há setores culturais que relacionam o termo com a produção de bens e serviços direcionados às inúmeras necessidades humanas.

Paralelamente, pelo ponto de vista filosófico de Heidegger (1969), a tecnologia penetra a matéria informe ou a natureza, provocando-a, gerando uma espécie de desvelamento e descobrimentos daquilo que ainda não se viu ou se vê. É o retrair-se da natureza, supondo uma outra relação entre natureza e cultura, natureza e arte, natureza e estética.

O corpomídia e a dança

Portanto, falar de corpo e tecnologia na sociedade contemporânea é falar de multiplicidade e de muitas possibilidades. Domingues (1997), por exemplo, considera que o ser humano está “todo” na superfície de contato mundano e acrescenta:

O corpo vive em uma atmosfera hiper-rarefeita constituída por uma indefinida série de mercadorias ideológicas das quais se radica e por meio das quais se sente vivo; a moda e os corpos que ela requer, os comportamentos dietéticos, as mil ginásticas orientais e ocidentais, o *body-building*, o *body-piercing*, o corpo das medicinas alternativas e os corpos da pornografia, para olhar, para tocar, para escutar, para mostrar, para combinar... nunca tantos corpos... em tão grande vazio (DOMINGUES, 1997, p. 308).

Para a autora, o mundo atual traz em seu discurso globalizado todo o tipo de informação e o corpo contemporâneo está, sinteticamente, sendo exposto a um poderoso estímulo: o tecnológico. Assim, a contemporaneidade vem anunciando que a fronteira entre o mundo e o corpo está cada vez mais escorregadia. O corpo se apresenta em interface a diversas “redes” organizadas e estruturadas tornando-se cada vez mais comunicacional. No mundo digital, por exemplo, o corpo é capaz de coisas inimagináveis. Velocidade, precisão, rapidez, multiplicidade são características básicas de um corpo virtual que se desconstrói e se desfaz em partes como lhe aprouver.

Curiosamente, Marcondes Filho (1997) considera que o corpo já não é visto como uma unidade harmônica e total, mas sim como um objeto que pode ser fragmentado, que não tem limites. O autor cita os aparelhos eletrônicos que hoje permitem uma série de emoções, possibilitando ao ser humano um tipo de mundo inexistente e exemplifica essa ideia com os jogos em três dimensões.

Lévy (1996) corrobora na reflexão ao considerar que cada corpo torna-se parte integrante de um imenso hiper corpo híbrido e mundializado. Para o autor:

O corpo contemporâneo se assemelha a uma chama. Frequentemente (*sic*) minúsculo, isolado, separado. Mais tarde, corre para fora de si mesmo, intensificado pelos esportes ou pela drogas, funciona como um satélite, lança algum braço virtual bem alto em direção ao céu, ao longo de redes de interesse ou de comunicação. Prende-se então ao corpo público e arde com o mesmo calor, brilha com a mesma luz que outros corpos-chamas. Retorna em seguida, transformando, a uma esfera quase privada, e assim sucessivamente, ora aqui, ora em toda parte, ora em si, ora misturado (LÉVY 1996, p.33).

A virtualização tecnológica em Lévy (1996) não é uma desencarnação, mas sim uma multiplicação. Os dispositivos tecnológicos virtualizam os sentidos. Por exemplo: a televisão e a internet. São milhares de pessoas conectadas. A relação entre corpo e tecnologia torna-se cada vez mais intensa, tornando a mixagem homem-máquina cada vez mais sutil e indelével. Para o autor, estamos construindo um “metacorpo”, um corpo que não é mais orgânico, mas um corpo idealizado ainda contaminado pela ideia ocidental tecnicista e tradicional de corpo como algo a ser domado, controlado, manipulado. Essa influência pode ser real quando a questão é transformar, simplesmente, o corpo a fim de melhorar a “performance” ou ainda transformá-lo, através da interferência cibernética ou da medicina estética, em mercadoria.

Para Orlandi (2001), os sentidos produzidos a partir das tecnologias e do desenvolvimento tecnológico também vão influenciar na espetacularização das mídias eletrônicas e da *internet*, produzindo significações para os corpos dos sujeitos. No processo, surge uma crescente naturalização de certas práticas corporais atreladas à tecnologia midiática e eletrônica, à publicização e espetacularização da corporalidade, bem como à quantidade estruturante dessas relações de sentido. Dessa maneira, podemos considerar que as tecnologias corporais, assim formuladas, não serão apenas extensões do corpo humano, mas estarão intrinsecamente relacionadas à produção de sentidos.

Considerando que o corpo é o resultado de anos de evolução dada a interação (não dicotômica) complexa e contínua entre corpo, ambiente, natureza e cultura, Katz (2005) associa a noção de tecnologia ao corpo por meio do conceito de mídia de si mesmo ou de corpomídia. Spanghero (2011), por sua vez, considera que a mídia,

onde a informação-dança é inscrita [---] acompanha as evoluções de seu tempo e junto com o que é escrito (a escrita, ela mesma, uma outra mídia, agora tomada em outro sentido) e de que maneira, remete não somente a um contexto que é artístico, mas também estético, histórico, social e científico (SPANGHERO, 2011, p. 74).

A dança na cultura digital

Em suma, lidando com a realidade histórica da mobilidade cultural, é perceptível o avanço da “tecnologia” e como ela vem possibilitando ao ser humano recursos de linguagem e de vida. Com um olhar panorâmico, podemos dizer que, seja na forma de “aparatos”, seja na maneira de lidar ou mesmo de compreender esses aparatos, a tecnologia tem tido desdobramentos que reconfiguraram a vida e a “presença” humana em todos os sentidos.

A realidade contemporânea tem mostrado corpos repletos de versatilidade nas ruas, no

trabalho, na arte, no lazer e nestes é perceptível a presença da tecnologia no “pensar”, no “fazer” e na linguagem expressa para a comunicação entre as pessoas. Nessa perspectiva, o corpomídia em cena no ciberespaço torna-se uma imagem digital, que em estado de dança vai reconfigurar o tempo, o espaço e a percepção de quem vê.

De modo geral, no âmbito do espetáculo de dança exposto no ciberespaço, o argumento da linguagem e da tecnologia aponta para possibilidades de uma correlação por meio de interfaces, *softwares* e equipamentos de filmagem e vídeo que possibilitam, na linguagem sincrética, a percepção de distintas espacialidades e temporalidades imagéticas.

Na fusão entre as “mídias” e o computador, gráficos, imagens em movimento, dança, sons, formas, espaços e textos tornaram-se dados fixados naquela ferramenta tecnológica. Santana (2006) considera, por exemplo, que tal fato reconfigurou as mídias e o computador como sistemas renovados em suas propriedades nas quais não se pode mais demarcar onde estão as partes pertencentes a cada sistema. Para a autora, “gráficos continuam gráficos, mas reconfigurados e diferentes daqueles outrora realizados com o nanquim no papel. O cinema ainda é cinema, mas reconfigurado e com outras particularidades, diferente do que os irmãos Lumière ou Edson criaram e viram” (SANTANA, 2006, p. 23).

No que tange à relação entre dança e tecnologia, Santana (2006, p. 33) se reporta à expressão “tecnocultura”, partindo da premissa de que techno faz parte da cultura como a mente faz parte do corpo humano, já que a tecnologia carrega o pensamento e os vários sistemas conceituais. Para a autora, sob essa ótica, a relação do que parecia oposto – natureza e cultura – fica claramente exposta. Assim como o corpo que dança e a tecnologia que

trafegam neste caldo complexo da cultura em permanente desequilíbrio e transformação. Assim a dança com mediação tecnológica não deve ser considerada como uma inovação estilística de uma dança que utiliza as novas mídias de forma indiscriminada e ingênua, na forma de ferramentas facilitadoras ou decorativas. A dança com mediação tecnológica é uma manifestação artística que emergiu de um mundo 'irremediavelmente' aleatório [...] que nos permite compreender a relação ambiente-indivíduo como implicação mútua. Uma implicação que consolida a presença do computador no cotidiano e, portanto, modifica o corpo que lida com ele ao longo do tempo desse convívio. Portanto, não se deve perder a especificidade conectiva nele implicada, sob o risco de banalizar o que o distingue (SANTANA, 2006, p.33).

Desse modo, o espetáculo de dança no ciberespaço, parece ser mais do que podemos prever ou imaginar e traz consigo todo um “contexto” cuja produção de sentido tem na interatividade com o meio digital um percurso instigante a ser percorrido e desvendado. Assim, a dança, tanto no DVD como no *YouTube*, continua sendo dança; todavia, ela traz consigo um percurso de transformação do conhecimento marcado pelas influências das “novas tecnologias” e das linguagens ali inseridas (DINIZ, 2014).

Para Spanghero (2011, p. 71), qualquer pessoa que tenha assistido a uma apresentação de dança tem uma experiência estético-cognitiva marcada na memória por diferentes registros e/ou textos (libretos, artigos, desenhos, gravuras, fotografias, vídeos e até mesmo sistemas computacionais, TICs, mídias e outros), e cada um, a sua maneira e de acordo com suas

características, possibilita a continuidade da dança para além dela mesma ou do movimento na tela.

Se pensarmos que as imagens da dança sobrevivem na cultura digital como textos carregados de sentidos inscritos nos registros midiáticos, no âmbito da linguagem, a dramaturgia ou discurso da dança reconfigura-se e estabelece conexões com novos ambientes estéticos em que a interação entre o enunciador e enunciatário podem ser estabelecidas através de uma gestualidade explicitada sincreticamente.

Nessa perspectiva, ao se conceber a dança como um processo de comunicação e um fenômeno de linguagem é observável um contínuo movimento de sua inserção entre o mundo, a cultura e a tecnologia. No cenário da cultura livre há de se considerar um processo ainda mais amplo de construção de sentidos ali inseridos uma vez que nesse espaço as trocas e inserções são ainda mais dinâmicas e colaborativas.

Referências

BELMIRO, Angela. Fala, escritura e navegação: caminhos da cognição. In: COSCARELLI, C.V. (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra. **A sagração da primavera**: um diálogo entre a semiótica e a dança. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2014. (Tese de doutorado)

DOMINGUES, Diana. (org.) **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997.

GIANNETTI, Cláudia. **Estética digital**: sintonia da arte, a ciência e a tecnologia. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

HEIDEGGER, Martin. La question de la technique. In. **Essais et conférences**. Paris: Gallimard, 1969.

KATZ, Helena. **Um, dois, três**: a dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID, 2005.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCONDES FILHO, C. **Super-ciber**: a civilização místico-tecnológica do século XXI. São Paulo: Ática, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

SANTANA, Ivani. **Dança na cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SPANGHERO, Maíra. Tecnologia para entender dança: as notações coreográficas. **Moringa**. João Pessoa: UFPB, n.2, n.1, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/9987> Acesso em 11/01/2014.